

SOUSA GALITO, Maria (2003). *Portugal Geopolítico – Vocação Atlântica*. *CI-CPRI*, A2003-2, pp. 1-5.

**CI-CPRI**



## *Portugal Geopolítico – Vocação Atlântica*

O objectivo é analisar em que medida Portugal pode aproveitar as suas mais-valias na afirmação que faz de si próprio nos palcos geopolíticos em que actua, se valorizar a sua utilidade enquanto país e a sua identidade enquanto povo.

Compete a Portugal saber projectar-se. Não no que é igual aos outros países, mas no que é diferente ou mesmo *único*. Para *ter uma voz* no coração da União Europeia (UE) e no Mundo, e não apenas uma presença física na periferia ocidental do continente europeu.

Partindo do suposto que a sua herança milenar ainda lhe pode ensinar a sobreviver na *corrida dos mais fortes*, pondera-se a hipótese de aproveitar a experiência e a aprendizagem com erros materiais e humanos do passado, para elaborar um projecto racional mas humanista, que vise a confirmação de Portugal e da sua língua, na dinamização do *espaço atlântico* – cujo potencial não foi ainda explorado ao máximo – e no estreitar de laços entre os países que dele fazem parte – esforço permanente, pois não é dado adquirido.

Nessa medida, exploram-se áreas chave, tais como a geopolítica e a geoeconomia, a renovação e a visão estratégica, a gestão eficiente e a capacidade de definir objectivos mensuráveis, mediante os meios disponíveis ou passíveis de obter no médio e longo prazo.

As reais oportunidades nacionais devem ser enquadradas num contexto de análise prospectiva da relação entre Estados, e entre Estados e empresas; de maximização da relação entre Estado, empresas e universidades ou outros centros de investigação; e de reformas estruturais capazes de levar, tudo isto, a efeito.

**Portugal possui vocação atlântica.** Portugal não é país recente, mas nado no séc. XII, pelo que praticamente milenar. Enquanto Estado-Nação – um Estado, uma Nação, uma Língua, um Povo – a sua história está intimamente ligada ao desenvolvimento de uma identidade muito própria.

O ser português não é uma questão racial ou herança sanguínea. Até porque o país foi precursor no processo de globalização, desde muito cedo habituado a integrar pessoas de todo o mundo.

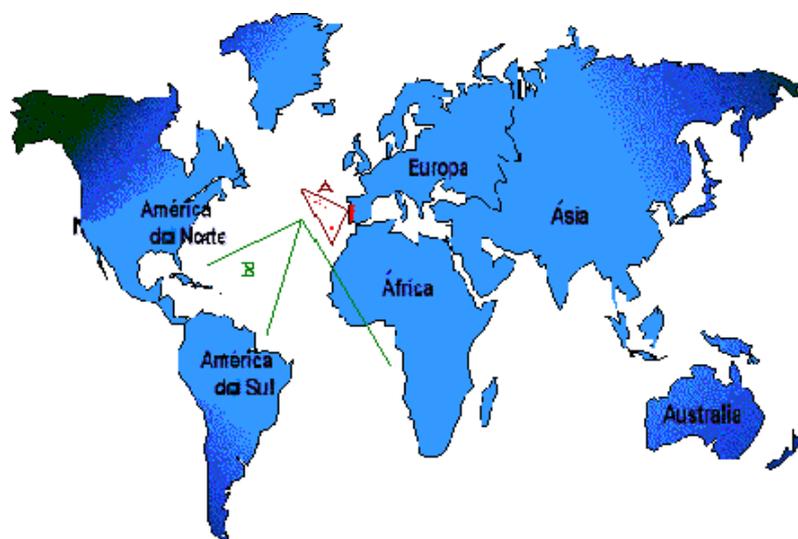
Portugal é um espírito solidário, um misto de fado e saudade, que enraíza a tradições muito antigas, a uma língua própria, e a um desígnio que arrebatou para grandes

momentos mas acomoda ao mais corriqueiro dos dias. Não compreendê-lo, é não compreender o seu povo, fechando os olhos às fraquezas, descurando as potencialidades que daí decorrem.

Portugal garantiu a sua existência enquanto país litoral, devotando-se ao mar. Detém a paternidade *do atlantismo ocidental* e de uma História que sempre foi mais universalista e euro-atlântica.

Por duas vezes ousou dividir o mundo em dois e gerir uma das partes, enquanto desenvolvia as artes da navegação. Voltar as costas à História parece menos razoável que enfrentar os muitos erros, alguns insuportavelmente pesados, que resultaram da experiência, e aprender com estes para construir um *Futuro* no século XXI que permita ultrapassar a crise sistémica e estrutural em que se afunda.

### *Portugal na Encruzilhada de Três Continentes*



**Ilustração 1: A: Triângulo Estratégico Português (Continente, Açores, Madeira);  
B: Portugal na encruzilhada de três continentes.**

A vocação de Portugal é atlântica. Negá-lo, é fingir que a sua faixa continental e ambos os seus arquipélagos não são absolutamente atlânticos. O seu triângulo estratégico, a sua Zona Económica Exclusiva (ZEE), fica a meio caminho entre o canal da Mancha e o estreito de Gibraltar, e por ele transita grande parte do fluxo aéreo e marítimo intercontinental.

O Oceano Atlântico constitui, pois, uma zona da máxima utilidade para a União Europeia e para os EUA, no esforço conjunto para permanecerem unidas em prol do equilíbrio geopolítico global. Portugal deve assumir um papel preponderante neste domínio geopolítico, económico, turístico e científico.

Tanto que convém às potências marítimas estabelecer alianças com Portugal, um país que possui elevado interesse estratégico, no âmbito da segurança e do comércio marítimo.

A utilidade de Portugal sempre foi mais reconhecida no contexto atlântico, do que no Europeu. Na Europa, Portugal é geralmente considerado pequeno, pobre e periférico. Ao passo que, no Atlântico, continua pequeno, mas rico e central – estrategicamente posicionado entre três continentes, enquanto elo de ligação entre a Europa, as Américas e África. A diferença está na comparação e no enquadramento básico.

Compete a Portugal aproveitar as suas vantagens competitivas, também porque o território português é exíguo e os seus recursos naturais limitados. Importa que o país aposte numa Diplomacia Económica que, também pela satisfação dos interesses dos outros países, possa servir os seus.

Nesse sentido, Portugal pode assumir uma *visão estratégica* que ambicione e trabalhe no sentido de reunir as características necessárias que o promovam uma rede que eleve estrategicamente a importância geoeconómica do Hemisfério Sul, cujos mercados ainda estão por otimizar; através da conexão de Portugal com a África Subsariana de língua oficial portuguesa, Timor-Leste e o Brasil.

Mas também os EUA, aproveitando a importância que a América Latina possui na economia norte-americana. Um projecto conjunto e de longo-prazo que possa assegurar a Portugal o estatuto de *porta atlântica* da Europa.

A vocação atlântica *não é alternativa* à participação de Portugal na Construção europeia, mas *necessária e complementar*. Afinal, é por ser Estado-membro da União Europeia que Portugal possui margem de manobra e um poder reforçado no plano internacional.

Mas o país não pode comeder-se a receber fundos e a perder poder dentro da União. *Sem poder, não somos nada*. Precisamos saber negociar. E reivindicar, sem medo. E salvaguardar a nossa presença e utilidade no xadrez geopolítico.

Portanto, a estratégia nacional deve esforçar-se por consolidar a necessidade continentalista com a vocação atlântica; harmonizá-las, para que futuras negociações sejam favoráveis ao país. O que implica coragem e sentido de Estado; para que não se acuda apenas ao conjuntural, mas se aspire – com método, trabalho e disciplina – a um projecto estrutural, gradual mas firme.

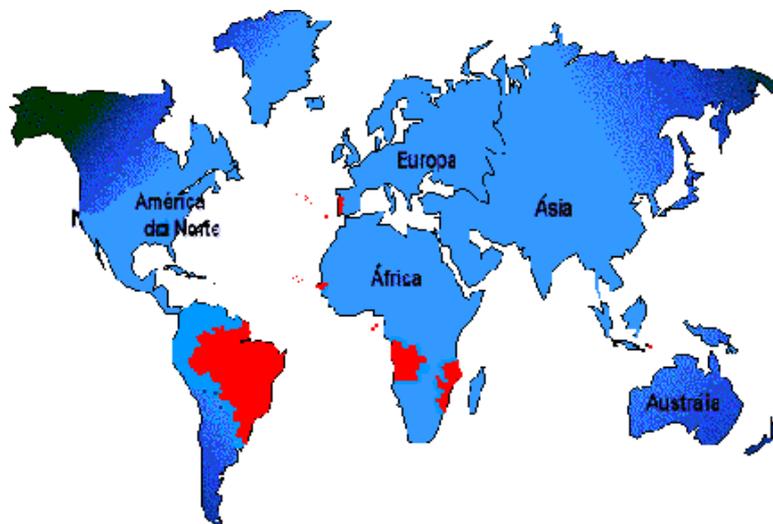
Repito, Portugal possui vocação atlântica. Por muito que seja alvo de ataques especulativos e de pressões externas globais e de ser repetidamente amordaçado na Europa como o mais Ocidental e periférico dos países desse continente, recorde-se ao povo lusitano que a geografia nunca foi limitativa para as ambições de uma identidade cultural que sempre lutou pelo seu lugar no mundo.

Que alternativas. Por exemplo, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que, não sendo apenas atlântica, o é maioritariamente. Foi fundada por sete países – Portugal, Brasil, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde – a 17 de Julho de 1996; ao qual se adicionou um oitavo, Timor-Leste, a 1 de Agosto de 2002.

A CPLP nasceu imbuída nos valores perenes da paz, da Democracia e do Estado de Direito, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social. Afirma-se qual

desígnio conjunto, que visa satisfazer interesses comuns, promovendo relações entre os próprios e países terceiros, de forma a que, irmanados, consigam mais do que se estivessem fora da organização.

### *Relação privilegiada de Portugal com os países lusófonos*



**Ilustração 2: CPLP – Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor.**

Assim, aproveitam-se ligações a outras organizações regionais; como a União Europeia (por intermédio de Portugal), a Mercosul (através do Brasil) e a Commonwealth (por intermédio de Moçambique). De facto, os países desenvolvem-se mais facilmente quando mantêm boas relações entre si e com terceiros, e crêem no futuro que cada país pode criar, sem descurar trabalhar nesse sentido.

A CPLP possui clara importância geoestratégica, para consolidação da segurança mundial. A descontinuidade do território constituído por esta organização internacional, é um dos principais prós e contras da organização, pois tanto pode gerar expectativas, como criar laços fortíssimos entre três continentes, capazes de enfim impulsionar o grande potencial das economias do hemisfério sul. Mas para isso é preciso promover uma nova atitude, de confiança mútua e optimismo, provida de iniciativa, dinamismo e espírito empreendedor.

Neste contexto geopolítico importa realçar o poder da língua portuguesa, enquanto meio de comunicação institucional e elo de ligação entre povos. Consagra-se um espaço à valorização de um idioma que é de todos os lusófonos.

O Português já é a expressão de cerca de 250 milhões de pessoas em todo o mundo, mas que serão necessariamente mais em número, e mais fieis ao idioma, se houver esforço e dinamismo na implementação de políticas concretas e eficazes que interliguem e incentivem essas mesmas pessoas a comunicarem entre si e a implementarem actividades comuns.

A geopolítica do Portugal atlântico pode ajudar, através da sua participação na CPLP e na companhia dos outros Estados-membros, a estreitar relações entre continentes, aproveitando o facto de o *português* ser uma das quatro línguas universais.

De facto, há que investir num projecto que cative o mercado, para que a língua possa ser escolhida, não só por ser bela ou uma herança cultural, mas por ser *útil* à vida quotidiana.

Deve aproveitar-se a oportunidade das populações terem, em relação à língua que *verdadeiramente empregam*, um afecto simbólico e edificante. Por lhes conferir uma identidade muito própria e um sentimento de pertença a um grupo, que ao mesmo tempo deve proteger e dignificar, e abrir os horizontes a uma vida melhor.

Resumindo e concluindo, a crise actual é económico-financeira mas é estrutural e de difícil resolução, a não ser com uma mudança de paradigma. Está a alastrar-se a domínios mais críticos, relativos ao bem-estar da população e à coesão social, por causa do desemprego e da subida generalizada dos impostos, o que produz consequências na estabilidade interna e na própria segurança do território.

Uma forma de tentar obviar a situação é aproveitar as relações (diplomáticas, económicas e estratégicas) privilegiadas que Portugal possui na geopolítica do Atlântico, mormente com os Estados-membros da CPLP.

Portugal precisa diversificar a sua carteira de investimentos. O projecto da União Europeia é importante mas não pode ser o único, ainda mais num período de estagnação.

**O repto é exigente. Quem não corre, fica para trás.  
O Portugal histórico é maratonista, não é velocista.  
Mas não pode negar o desafio.**